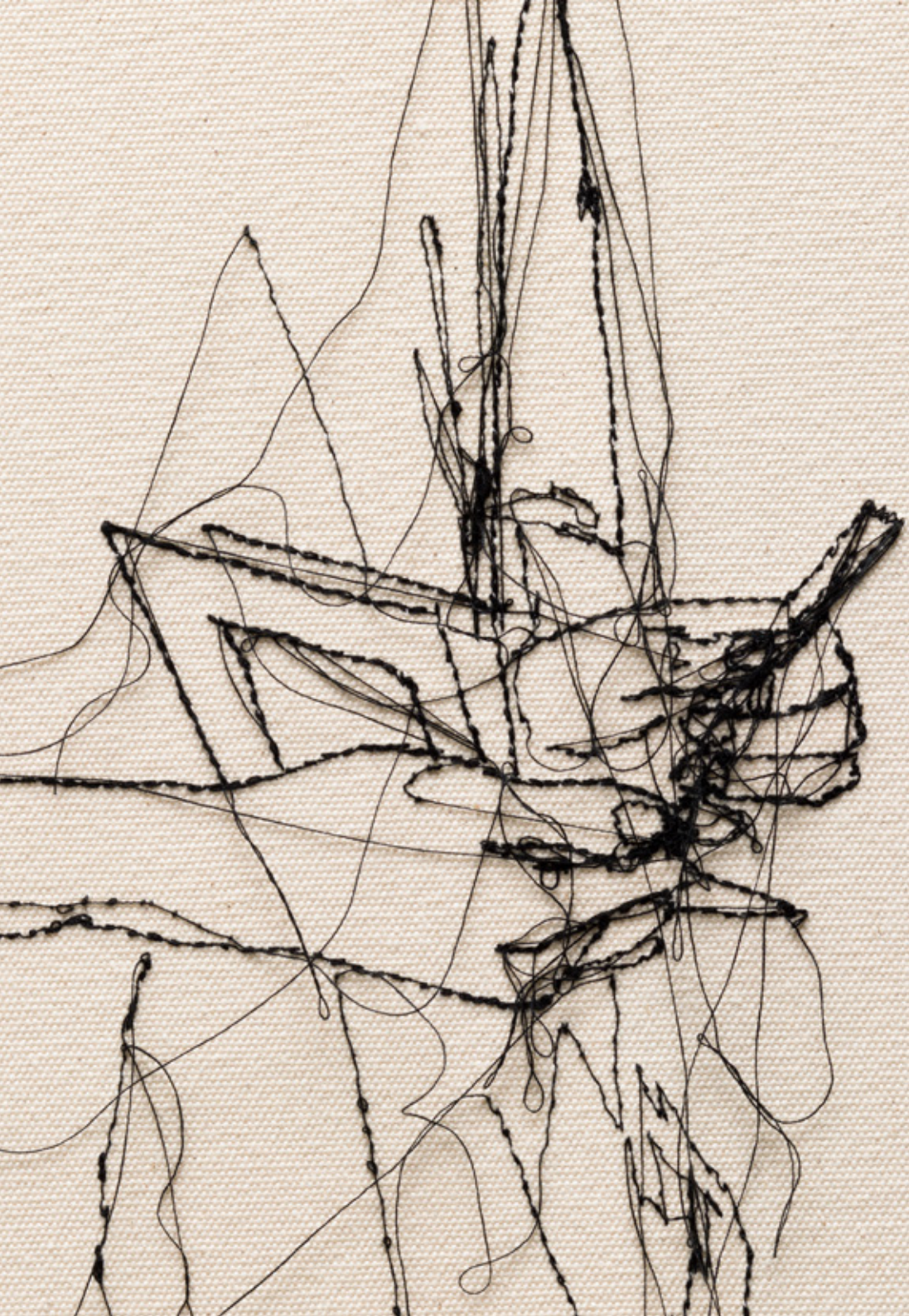




SIMÕES DE ASSIS



SIMÕES DE ASSIS

André Azevedo

Anverso

Obverse

abertura opening

quinta, 29 de setembro das 18h às 21h

thursday, september 29 from 6pm to 9pm

29.09 - 12.11.2022

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a

80730-200 pr brasil

+55 41 3232-2315

No fazer têxtil, a tecedura dá-se propriamente no lado da frente, em oposição ao seu avesso. No entanto, o seu oposto aparente é também incrivelmente relevante: o verso é elemento componente do ato de tecer e une os fios que atravessam o tecido. Verso e anverso são elementos inerentes de uma mesma trama que se amarram em uma existência conjunta inexorável. Nesse contorno, temos Anverso, a mais recente individual de André Azevedo – um verdadeiro convite para infiltrar-nos nas nuances entre frente e verso.

Marshall McLuhan, filósofo canadense, foi um dos pioneiros no estudo da revolução tecnológica e das pesquisas culturais. Poucos autores conseguiram expressar com tamanha sensibilidade como o processo elétrico transforma a realidade humana. Para o autor, o homem é fascinado por qualquer tipo de extensão de si mesmo, seja de qualquer material que não seja o dele próprio. Na década de 60, escreveu que contemplar ou utilizar uma extensão de nós mesmos implica necessariamente em adotá-la. Assim, o uso da tecnologia faz com que o homem seja perpetuamente modificado por ela encontrando sempre novas maneiras de modificá-la, isso personaliza sua permanência no mundo. É nesse cenário que se insere a poética de Azevedo.

As máquinas, a de escrever e a de costura, estão em hierarquia de igualdade com o artista, em uma coreografia de colaborações. Azevedo adotou suas extensões tecnológicas e as transformou em coautoras mecânicas do seu trabalho. O ato é analógico, mecânico, artesanal, uma contagem binária. Seus gestos revelam vontades das máquinas, que por vezes engasgam, travam, pulam, percalços que são incorporados aos trabalhos, em uma abertura ao incontrolável.

O artista consegue criar teias simbólicas e físicas, partindo da sua fonte primordial: a linha. É pela estrutura linear que correlaciona suas séries de trabalhos, ela está presente nas macrocélulas, nos desenhos figurativos e nas datilografias. Em “Versos”, temos um vislumbre da cultura pop, de cenas e poses reconhecíveis a olhares atentos. O desenho que se forma no lado anverso é feito conforme Azevedo costura sem cortar a linha, e somente ao virar a tela tem dimensão da materialidade construída em parceria com a linha e a máquina de costura. O efeito pode ser matérico, emaranhado ou mesmo alisado, sempre um indício da gestualidade maquínica atada à de Azevedo.

A dimensão cromática e escultórica desponta na série “Macro células”, que ficam suspensas no espaço. Sua operação é de cortar, montar, desmembrar e remontar telas após o tingimento de têmpera vinílica com pigmentos sólidos, advindos da indústria têxtil. Ao costurar essas faixas, Azevedo as transforma em formatos variados, ortogonais, quadrados, ou retangulares, engendrando uma trama inigualável que remete ao vestível e ao têxtil industrial, mas que são seu próprio território, seu próprio campo expandido.

É na utilização da máquina de escrever que se abre todo um outro campo de trabalho, em que há simbologias tipográficas, entroncamentos textuais, com ordens numéricas presentes que se perdem no ritmo da própria obra. Neste sentido, a datilografia é ressignificada, as falhas que supostamente deveriam ser apagadas são assumidas, e o emaranhado de letras migram do elemento textual, transformando-se em imagens.

A exposição é, ademais, um retorno à história do artista, a um período em que trabalhou na área da moda e como isso influenciou sua trajetória no desenvolvimento da tridimensionalidade têxtil e em sua capacidade de tecer fibras e transformá-las em enredo, e de tornar-se um artista visual. Nas palavras do artista, fazer arte é descarregar no mundo uma enorme carga de energia de comunicação e Azevedo consegue fazê-lo ao ser metódico e simultaneamente aberto ao risco, à experimentação e ao acaso, com atenção em seu processo de feitura no qual os fios se entremeiam, se entrelaçam. Em Anverso, presenciamos a criação de uma grande trama, um enovelado da mescla de seus profusos vocabulários em um ritmo único tecido por André Azevedo.



In textile processes, weaving takes place on the front side, as opposed to the back side. However, its apparent opposite is also incredibly relevant: the back is a component element of the act of weaving and joins the threads that cross the fabric. Reverse and obverse are inherent elements of the same weft that bind together in an inexorable joint existence. In this intricate context, we have Anverso (Obverse), André Azevedo's most recent solo show - a true invitation to infiltrate the nuances between front and back.

Marshall McLuhan, Canadian philosopher, was one of the pioneers in the study of the technological revolution and cultural researches. Only a few authors have managed to express with such sensitivity how the electrical process transformed human reality. For the author, humanity is fascinated by any kind of extension of itself, be it of any material other than its own organic flesh. In the 1960s, he wrote that to contemplate or use an extension of ourselves necessarily implies in adopting it as our own. Thus, the use of technology causes mankind to be perpetually modified by it, as it is finding new ways to transform itself, personalizing its permanence in the world. Azevedo's poetic approach to art is deeply rooted in this setting.

Machines, like the typewriter and the sewing machine, are in a hierarchy of equality with the artist, in a choreography of collaboration. Azevedo adopted his technological extensions and transformed them into mechanical co-authors of his work. The action is analog, mechanical, handmade, with binary counting. His gestures reveal the will of the equipment, which sometimes choke, brake, jump – mishaps that are incorporated into the work. The artist is open to accepting what is out of his control.

Azevedo manages to create symbolic and physical webs, starting from his primordial source: the line. It is through the linear structure that functions as the common denominator in all of his series: it is present in the "Macrocéulas" (Macrocells), in the figurative drawings, and in the typescripts. In "Versos" (Verses) we get a glimpse of pop culture, of scenes and poses widely recognizable to a more attentive gaze. The drawing that is formed on the obverse side is made as Azevedo sews without cutting the thread, and only by reversing the canvas does he gain dimension of the materiality constructed in collaboration with the thread and the sewing machine. The effect can be strongly material, tangled, or even smooth, always an indication of the gestural machinations of Azevedo's pieces.

The chromatic and sculptural dimension of his process emerges in the series "Macrocéulas", which are suspended in space. He first operates cuts to the canvases and mounts them on the chassis, dyeing them with vinyl tempera with solid pigments from the textile industry. Then, he dismembers them, and reassembles the parts in three-dimensional structures. By sewing these strips together, Azevedo transforms them into various orthogonal, square, or rectangular shapes, engineering a unique weft that recalls wearable and industrial textiles, but which are his own territory, his own expanded field.

And it is in the use of the typewriter that a whole other field of interest opens up, with the use of typographic symbologies, textual entanglements, numerical orders lost in the rhythm of the work itself. In this sense, typing is re-signified, the flaws that supposedly should be erased are emphasized, and the tangle of letters metamorphoses from mere textual element into complex layered images.

The exhibition is, moreover, a return to the artist's history, to a period when he worked in fashion and how this influenced his trajectory in the development of textile three-dimensionality and his ability to weave fibers and transform them into a weft, and to become a visual artist. In the artist's words, to make art is to offload a huge load of communication energy into the world, and Azevedo manages to do this by being methodical and simultaneously open to risk, experimentation, and chance, with attention to his creative process in which the threads interweave, interlace. In "Anverso", we witness the creation of a great plot, an entanglement of the mixture of his profuse vocabularies in a unique woven rhythm.



Macro célula 5, 2022

têmpera vinílica e pigmento sólido sobre tela de algodão recortada,
linho e costuras à máquina

vinyl tempera and solid pigment on cut cotton canvas,
linen and machine seams

110 x 90 cm

43 ⁵/₁₆ x 35 ³/₇ in





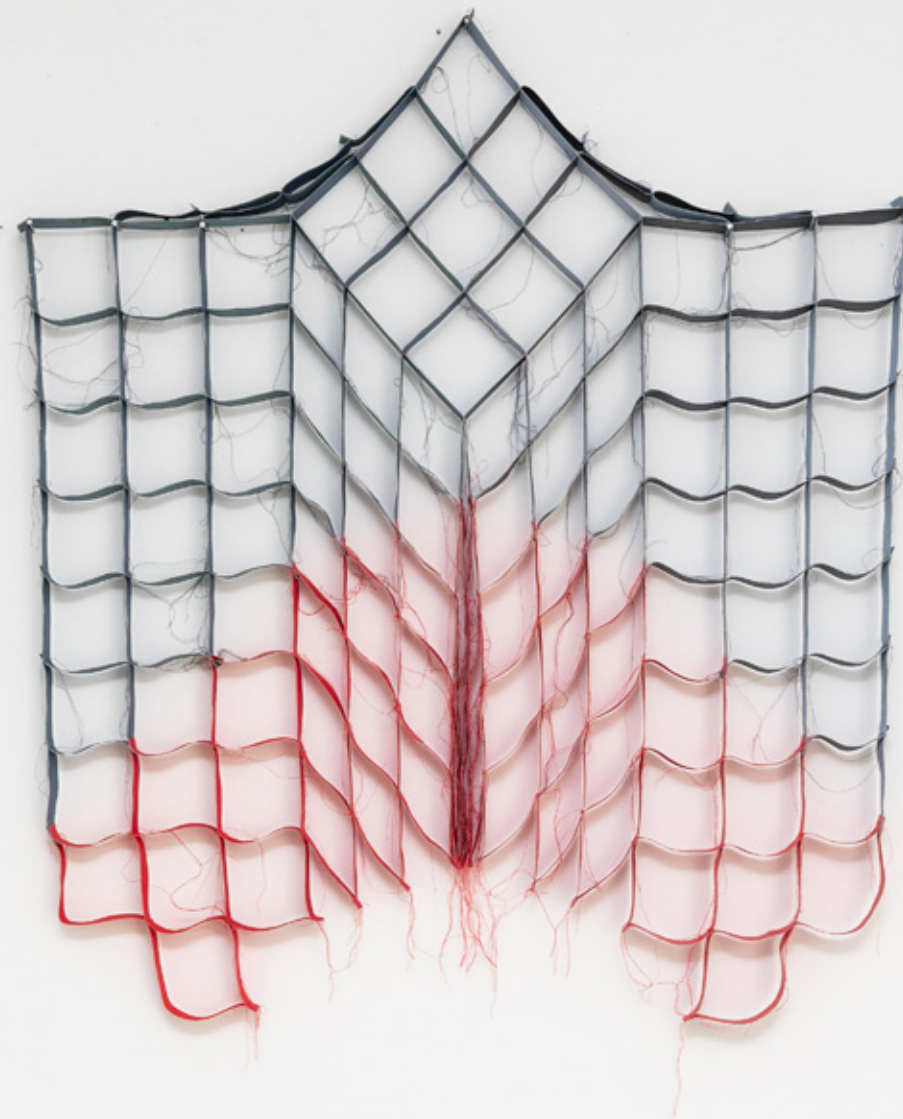
Macro célula 4, 2022

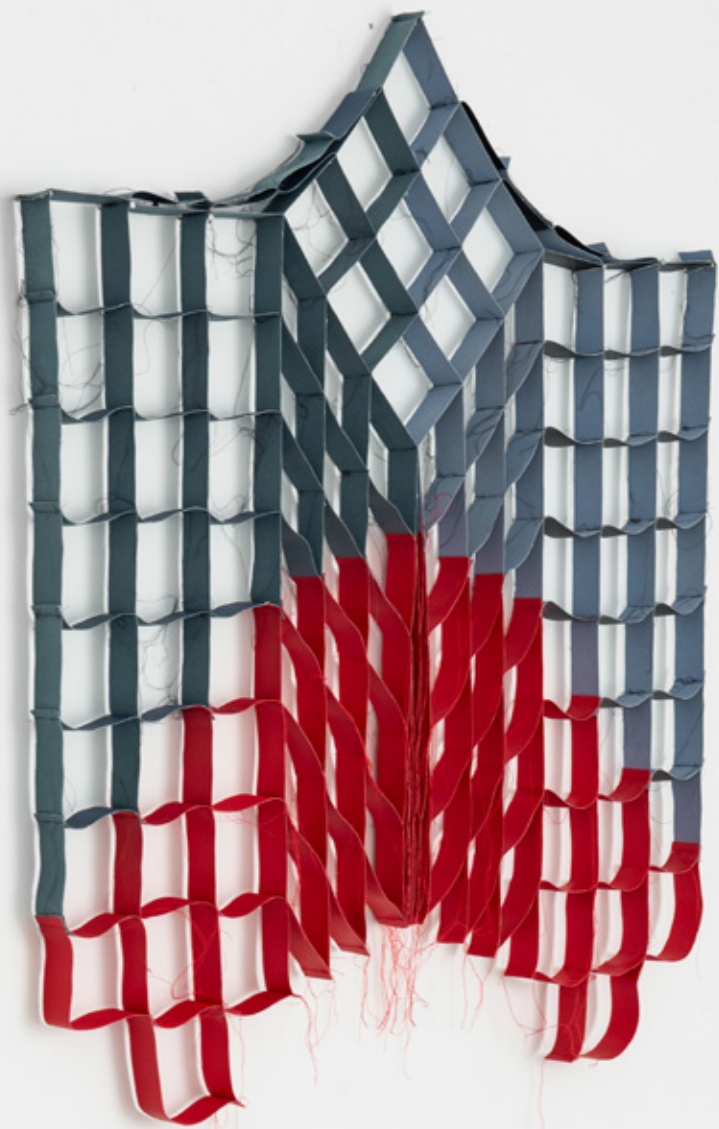
têmpera vinílica e pigmento sólido sobre tela de algodão recortada,
linho e costuras à máquina

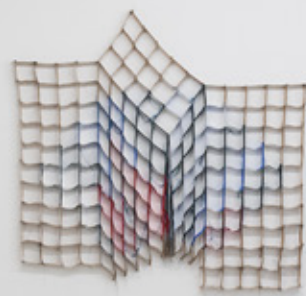
vinyl tempera and solid pigment on cut cotton canvas,
linen and machine seams

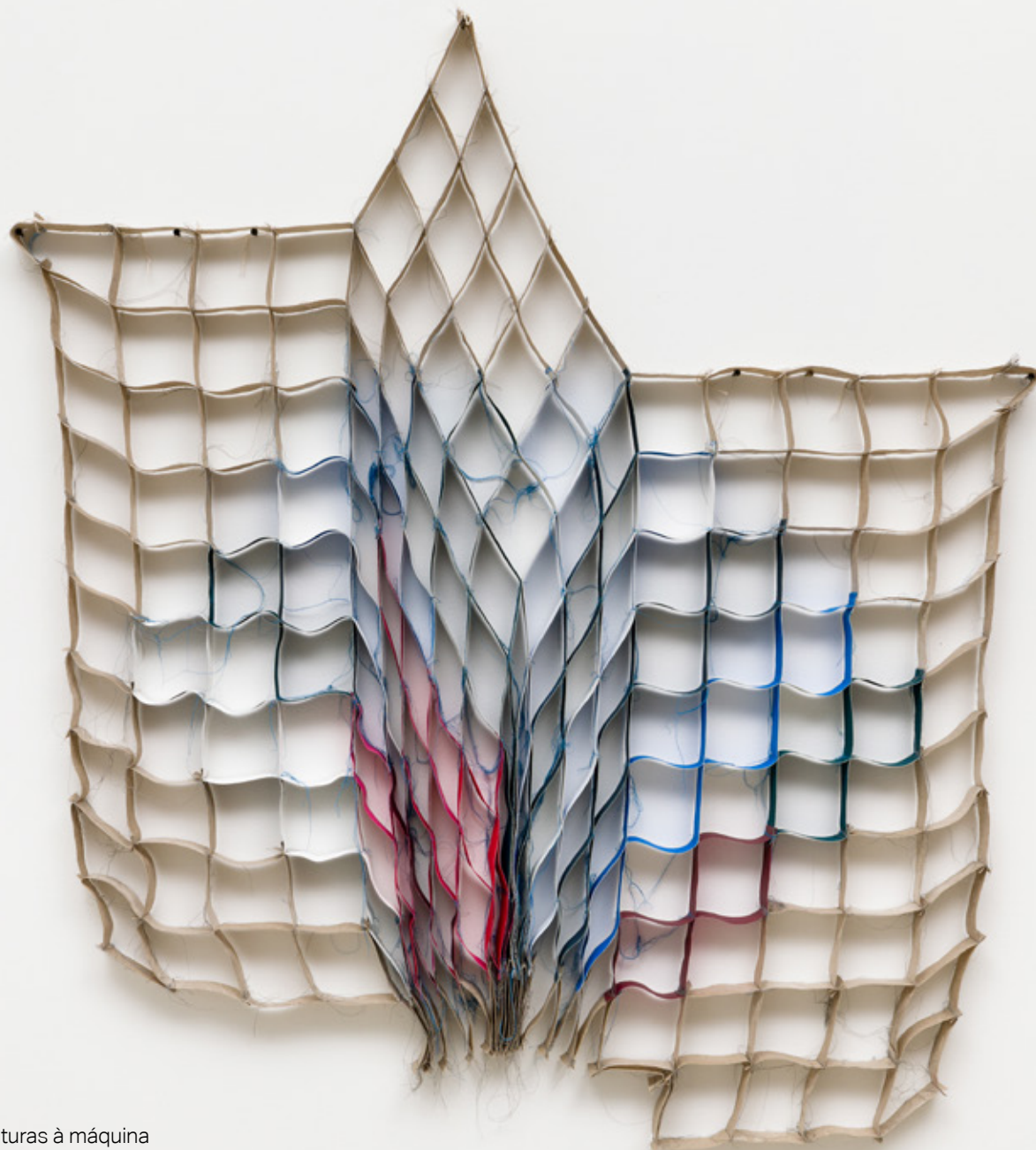
110 x 90 cm

43 $\frac{5}{16}$ x 35 $\frac{3}{4}$ in









Macro célula 6, 2022

têmpera vinílica e pigmento sólido

sobre tela de algodão recortada e costuras à máquina

vinyl tempera and solid pigment on cut cotton canvas
and machine seams

135 x 120 cm

53 1/7 x 47 1/4 in







Macro célula 1, 2022

têmpera vinílica e pigmento sólido sobre tela de algodão recortada,
linho e costuras à máquina
vinyl tempera and solid pigment on cut cotton canvas,
linen and machine seams

110 x 90 cm

43 ⁵/₈ x 35 ³/₄ in





Macro célula 10, 2022

têmpera vinílica e pigmento sólido sobre tela de
algodão recortada, linho e costuras à máquina
vinyl tempera and solid pigment on cut cotton canvas,
linen and machine seams

200 x 200 cm

53 1/7 x 47 1/4 in









Versos 1, 3, 48, 2, 29, 2022

costura sobre algodão

sewing on cotton

55 x 45 cm cada

21 $\frac{2}{3}$ x 17 $\frac{5}{8}$ in each







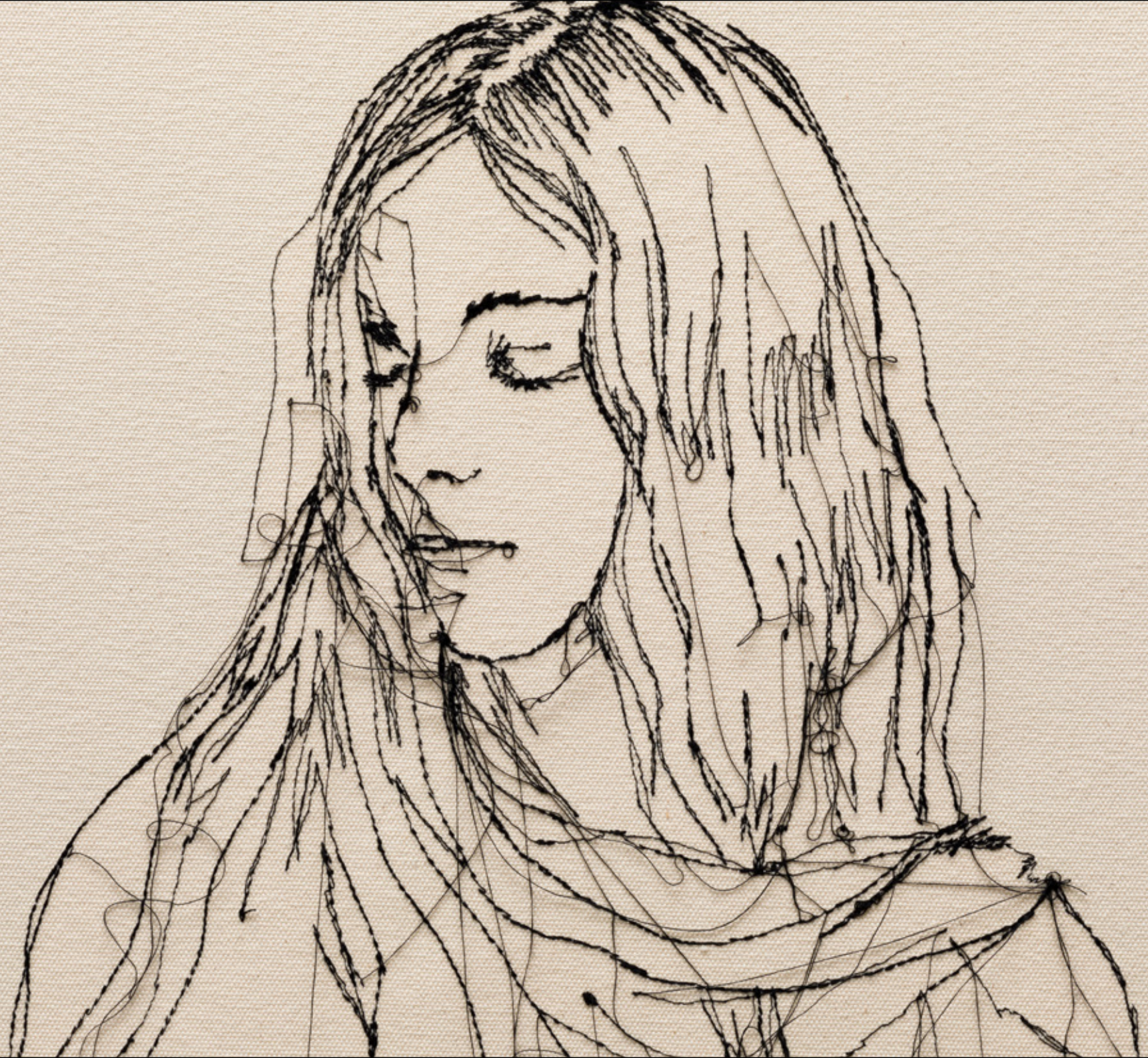
Versos 40, 30, 8, 33, 44, 2022

costura sobre algodão

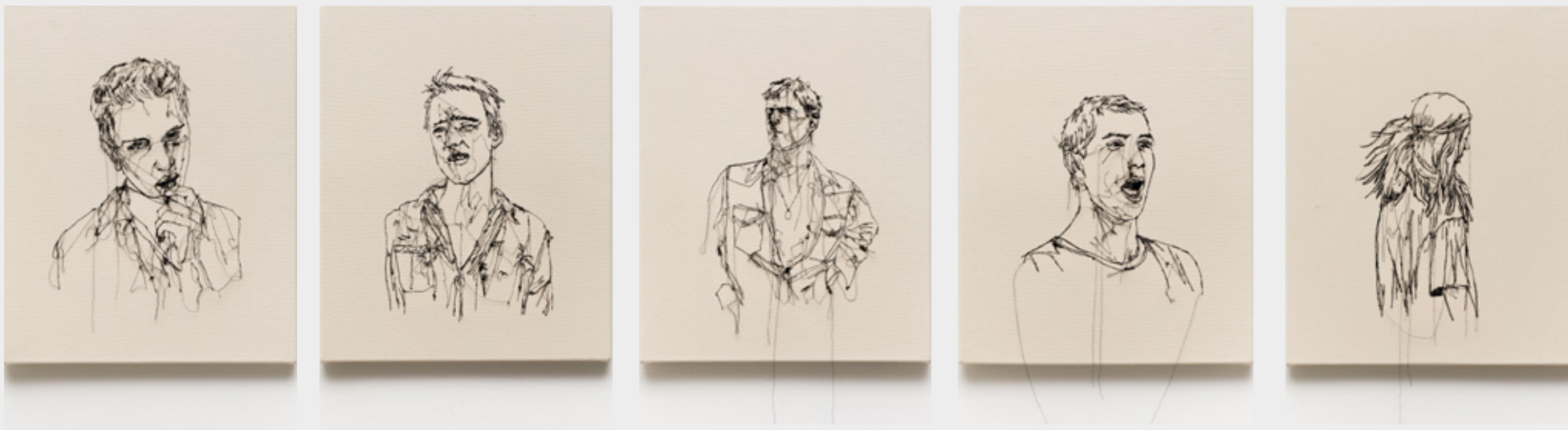
sewing on cotton

55 x 45 cm cada

21 $\frac{2}{3}$ x 17 $\frac{5}{8}$ in each







Versos 26, 28, 16, 49, 21, 2022

costura sobre algodão

sewing on cotton

55 x 45 cm cada

21 $\frac{2}{3}$ x 17 $\frac{5}{8}$ in each



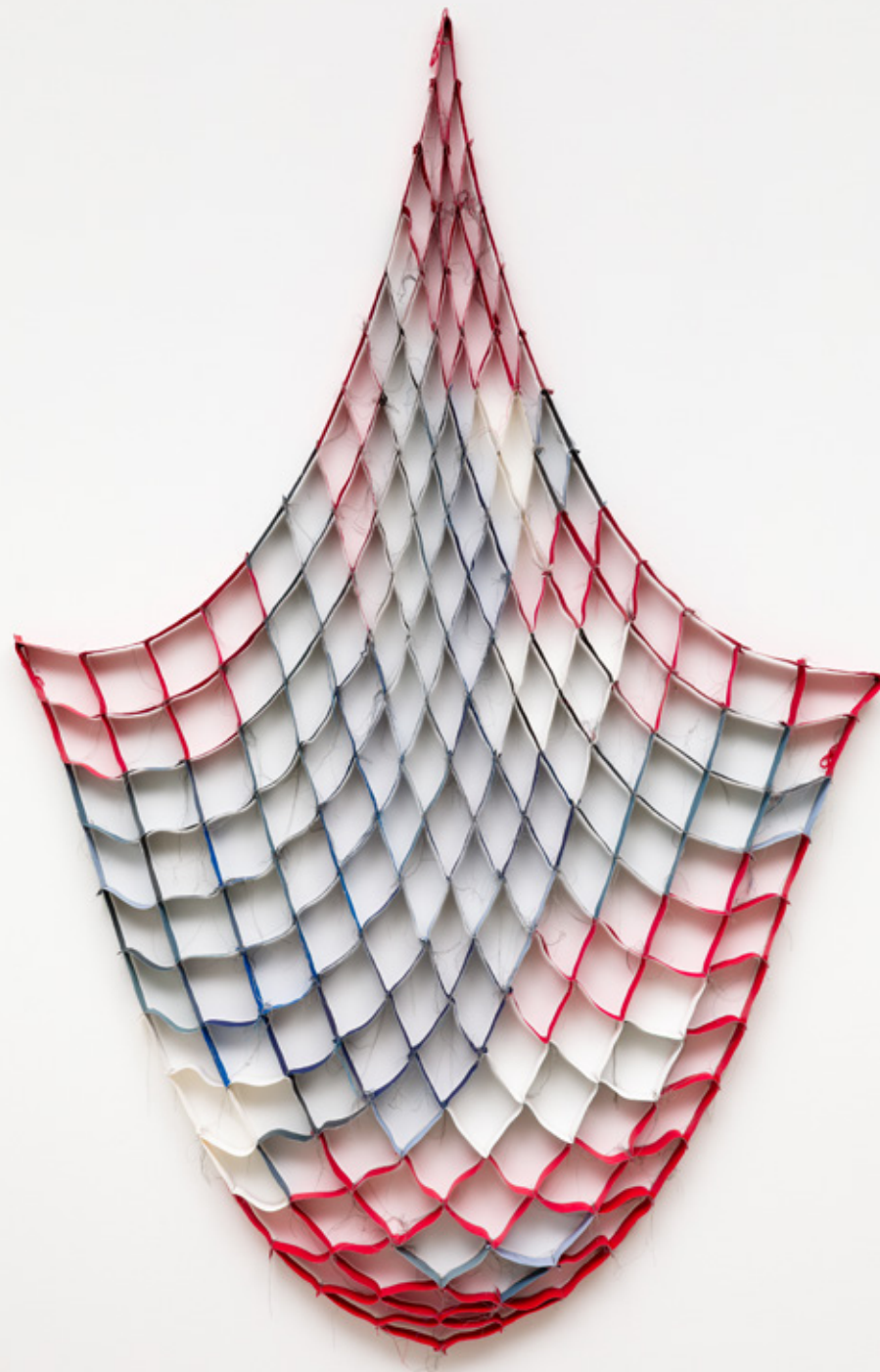
Macro célula 9, 2022

têmpera vinílica e pigmento sólido sobre tela de algodão recortada,
linho e costuras à máquina

vinyl tempera and solid pigment on cut cotton canvas,
linen and machine seams

190 x 120 cm

74 7/8 x 47 1/4 in









Sem título, 2020

datilografias à máquina sobre algodão cru

typing on raw cotton

72 x 56 cm | 98 x 80,5 cm (com moldura)

28 ¹¹/₃₂ x 22 ³/₆₄ in | 38 ⁴/₇ x 31 ⁵/₇ in (with frame)



André Azevedo (Curitiba, 1977) estudou Desenho Industrial na Universidade Federal do Paraná (UFPR), e também se graduou em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Desenvolve em um contínuo experimento, técnicas construtivas têxteis e linguísticas, manipulando a matéria ordinária do mundo e adicionando camadas simbólicas a estes elementos.

Sua pesquisa com tecidos parte de sua experiência pessoal e familiar com essa materialidade. A partir dessa vivência, Azevedo passou a entender o têxtil ao mesmo tempo como linguagem, conceito e materialidade, o que lhe possibilita inúmeras formas de interação com o mundo. O ponto de partida para realização de suas obras vem da própria etimologia da palavra texto e de uma citação recorrente entre vários autores: "Texto quer dizer tecido e uma linha um fio de um tecido de linho".

Azevedo explora a estrutura da trama dentro do universo da contação de histórias, utilizando-se de noções de "fio da meada", de "pano de fundo", de "ponto sem nó", entre outras figuras de linguagem. O tecido é um ensejo para ater-se à ideia de que as coisas se dão por entrelaçamento: que seguem fenômenos de repetição, transmitem processos e consequentemente reavivam imagens. Azevedo parte da afirmação de que o tecido é meio porque ele está no meio – entre o homem e o mundo, e entre o mundo e todas as coisas que ele também reveste – e, assim, lança mão de diferentes suportes maleáveis, como livros, telas, vídeo e instalações sonoras.

O artista foi premiado em 3º lugar no Prêmio Internacional de Artista Emergente (2014) em Dubai. Realizou exposições individuais como "Antropologia do Entrelaçamento" (2020), Simões de Assis, São Paulo; Poemas (2020), Simões de Assis, Exposição Online; "André Azevedo & James English Leary" (2017), Simões de Assis, Curitiba; "Desmoldes" (2014), Ateliê Rua São Francisco, Curitiba e "Tropical Reminiscence", Galeria Joyce, Pequim. Das exposições coletivas destacam-se "Brasilidade - Pós-modernismo" (2022), CCBB, São Paulo e Rio de Janeiro; "Máscaras: Fetiches e Fantasmagorias" (2022), Paço das Artes, São Paulo; "Afinidades" (2021), Museu Oscar Niemeyer, Curitiba; "XXII Bienal Internacional de Curitiba, Luz versus Luz" (2015), Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba. Seus trabalhos figuram em importantes coleções, como MAR/RJ; MON, Curitiba; e MAC/PE, Olinda.

André Azevedo (Curitiba, 1977) studied Industrial Design at Universidade Federal do Paraná – UFPR and holds a degree in Visual Arts from Centro Universitário Belas Artes. He develops a continuous investigation into textile and linguistic construction techniques, manipulating the ordinary matter of the world.

His research with fabrics is part of his personal and familiar experience with this materiality. From this intimate connection, Azevedo began to understand textiles simultaneously as language, concept and materiality, which allows him numerous forms of interaction with the world. The starting point for the realization of his works comes from the etymology of the word text and from a recurring quotation among several authors: "Text means fabric and a line a thread of a linen fabric".

Azevedo explores the plot structure within the universe of storytelling, using notions of "following the thread", "backdrop" and "knotless stitch", among other figures of speech. The fabric is an opportunity to deal with the idea that things are entangled: that they follow phenomena of repetition, transmit processes and consequently revive images. Azevedo begins with the statement that fabric is a medium, because it is in between – between men and the world, and between the world and all the things it coats –, and, then, makes use of different malleable media, such as books, screens, video and sound installations.

The artist was awarded 3rd place in the International Emerging Artist Award (2014) in Dubai. He has held solo exhibitions such as "Antropologia do Entrelaçamento" (2020) at Simões de Assis, São Paulo; Poems (2020) at Simões de Assis, Online Exhibition, "André Azevedo & James English Leary" (2017) at Simões de Assis, Curitiba; "Desmoldes" (2014) at Ateliê Rua São Francisco, Curitiba and "Tropical Reminiscence" at Joyce Gallery, Beijing. Group exhibitions include "Brasilidade - Pós-modernismo" (2022) at CCBB Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo and Rio de Janeiro; "Máscaras: Fetiches e Fantasmagorias" (2022), Paço das Artes, São Paulo; "Afinidades" (2021), MON - Museu Oscar Niemeyer, Curitiba; "XXII Bienal Internacional de Curitiba, Luz versus Luz" (2015), MAC PR - Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba. His works are in important collections, such as MAR - Museu de Arte do Rio de Janeiro, MON - Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, and MAC PE - Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco.

SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

rua sarandi 113a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315